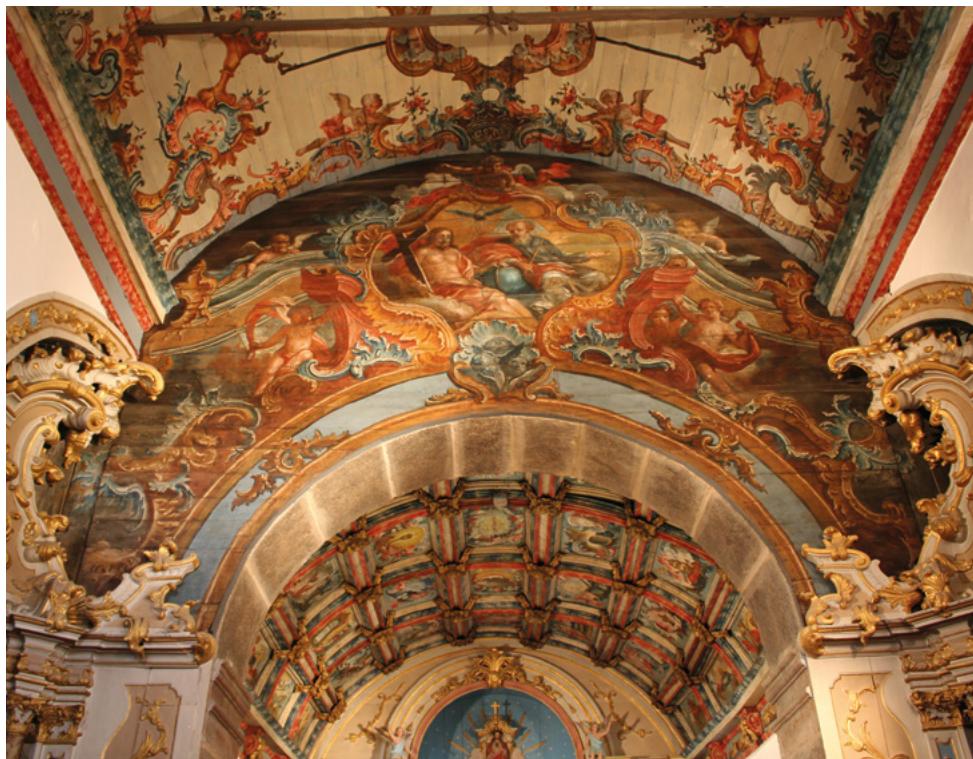


## ROTA DO ROMÂNICO NO CONCELHO DE LOUSADA

### As igrejas de Aveleda e Meinedo: documentos, arquitetura e arqueologia

A criação do projeto Rota do Românico, implementado no Vale do Sousa em 1998 e alargado em 2010 ao Vale do Tâmega, trouxe uma dinâmica turístico-cultural para este vasto território até então não experimentada. Para além da valorização dos monumentos integrantes, a Rota permitiu que a hodierna população participativa neste mesmo território tomasse verdadeira consciência do que atualmente se considera Património. O concelho de Lousada integra a Rota com seis monumentos de distintas tipologias, concretamente de duas igrejas, três pontes e uma torre. Neste ensaio dar-se-á enfoque às igrejas de Aveleda e Meinedo, apresentando-se uma súpula, ainda que forçosamente breve, das principais fontes escritas, ao mesmo tempo que se valorizam os elementos arquitetónicos caracterizadores e se revelam os mais relevantes dados fornecidos pela arqueologia.



## 1. IGREJA DE AVELEDA: DOCUMENTOS, ARQUITETURA E ARQUEOLOGIA

Os dados escritos respeitantes ao polígono da freguesia de Aveleda dão-nos conta da presença de comunidades populacionais organizadas em torno de uma determinada parcela agrícola desde o século XI. O mais antigo documento data de 23 de maio de 1098 e reporta-se à venda de uma herdade na “uilla uocitant auellaneda”<sup>1</sup>, que fez Pedro Astrufiz e sua mulher Emissa Cidiz a Guterre Mendes e sua mulher Onega Gonçalves. A partir de finais do século XII e inícios do XIII, o povoamento medieval reflete a preferência por diversos quadrantes geográficos na freguesia, porventura decorrente de uma mais alargada e dinâmica rede viária, impulsionada pela crescente afirmação socio-cultural e religiosa da Igreja do Salvador de Aveleda.

A arquitetura e a ornamentação escultórica desta Igreja obrigam a situar cronologicamente o edifício nos séculos XIII/XIV. Todavia, a primeira referência documental que alude de modo concreto a Igreja do Salvador de Aveleda, data de 1177<sup>2</sup>, e do orago temos menção em 1218. Deste modo, ocorre sermos confrontados com dados anteriores ao edifício chegado até nós, o que obriga a recuar a sua fundação e, por conseguinte, a assinalar que o templo foi alvo de uma profunda intervenção que lhe alterou a traça arquitetónica primitiva. A igreja é de estilo românico e revela planta longitudinal orientada no sentido oeste-este, compondo-se de nave e capela-mor, desenvolvendo-se esta num corpo mais baixo e estreito. Possui, do lado norte, torre sineira e sacristia, elementos respetivamente adossados à nave e à capela-mor. Na fachada sobressai o portal de arco apontado, com tímpano liso, de três arquivoltas assentes em igual número de colunelos de fuste liso sobre sapata, de que se realçam as bases e os capitéis decorados com motivos vegetalistas. O interior possui talha de estilo rococó e neoclássico e os tectos são em abóbada de volta inteira, forrados a madeira.

Como precedentemente evidenciado, a Igreja do Salvador de Aveleda é um templo datado globalmente de finais do século XIII ou princípios do século XIV, integrando o chamado românico tardio, patente no desenho do portal principal e na simplicidade das portas laterais, desprovidas de colunas. Neste aro temporal se inclui uma boa parte dos cachorros ou modilhões que percorrem a cornija do telhado.

A atual capela-mor não possui qualquer cachorro e o friso é retraído, de perfil côncavo, diverso do que percorre a cornija da nave, desde logo porque este aparece avançado e apoiado nos cachorros. Estes elementos da arquitetura medieval apenas se encontram na nave, pois a superfície foi dimensionada entre



FIGURA 1 Fachada da igreja de Aveleda.

os finais do século XVII e os princípios do século XVIII, acarretando tais obras a demolição e deslocação da capela-mor para nascente, levando ao desaparecimento da traça primitiva deste corpo da igreja, ao passo que na nave foram empregues os motivos arquitetónicos mais expressivos do corpo demolido. Na capela-mor atual verifica-se a utilização de silhares graníticos distintos dos demais empregues na construção. De entre as características geológicas mais evidentes destaca-se a inferior dureza, um certo grau de alveolização da superfície e o tom amarelo-alaranjado. Estes silhares revelam usualmente menos altura, o que resulta em fiadas de pedra mais estreitas, facto que nos leva a acreditar que se tratam de blocos reaproveitados da primitiva capela-mor. Cremos que esta ideia se vê reforçada pela presença de uma marca de canteiro medieval gravada num dos silhares utilizados na cabeceira exterior da referida construção. Estudar o edificado numa perspetiva da arqueologia da arquitetura, concretamente a leitura estratigráfica de paramentos verticais, permite que, em conjugação com os dados constantes nos livros de visitasões, de 1700-1754

<sup>1</sup>LOPES, Eduardo Teixeira – *Lousada e as suas freguesias na Idade Média*. Lousada: Câmara Municipal, 2004, pp. 161.

<sup>2</sup>*Idem, ibidem*, p. 164.

e 1757-1826, se possa traçar a evolução de certas fases construtivas da Igreja de Aveleda. Já anteriormente tecemos algumas considerações respeitantes a alterações ocorridas no edifício, designadamente ao nível da nave e da capela-mor, onde são evidentes as marcas de obras. A análise centra-nos de modo particular a atenção nos alçados norte e sul, onde é notório o acrescento da nave da igreja para leste, a partir do *terminus* do lacrimal, evidenciado por uma “aresta viva” na arquitetura, patente no aparelho discordante e na própria patine dos silhares graníticos. Estas obras tiveram lugar na Idade Moderna, correspondendo ao estilo da época a cabeceira da capela-mor e o arco-cruzeiro<sup>3</sup>. Deste período data igualmente a construção da sacristia, edificada no ano de 1709.

Entre 2 de novembro de 2011 e 4 de junho de 2012, 16 sondagens arqueológicas de averiguação foram realizadas no adro da Igreja de Aveleda, tendo estas decorrido no âmbito do projeto «Igreja de Aveleda – Trabalhos gerais de manutenção e minimização de barreiras arquitetónicas», da responsabilidade da Rota do Românico. No projeto contemplava-se a beneficiação de pavimentos, tendo em conta a criação de boas condições de acessibilidade, com nivelamento parcial do lajeado e maior rigidez do pavimento em saibro, inclusão de rampa no portal da igreja e de passadiço sobre a caldeira das oliveiras, no portão da entrada lateral do adro, bem como o tratamento dos muros deste e a manutenção dos seus três portões metálicos, incluindo ainda o tratamento de uma faixa do espaço contíguo exterior, relativo à caldeira das oliveiras. De igual modo, observava o projeto de execução o melhoramento da generalidade do piso circundante à igreja, através da reposição de novo pavimento em geo-cimento/saibro. Face à realidade a intervir, foi elaborado um plano de trabalhos arqueológicos, com o qual se pretendeu averiguar, através da leitura estratigráfica, o real potencial arqueológico da área correspondente ao atual adro da Igreja do Salvador de Aveleda, cujo perímetro se encontra cercado por um murete baixo em todos os quadrantes, com exceção da face sul, em que muro fronteiro do cemitério paroquial lhe define aqui os limites. Do acompanhamento e das sondagens arqueológicas resultou a recolha de um conjunto de materialidades (cerâmicas, vidros, material de construção, numismas, vestígios osteológicos, etc., etc.) que nos permite acrescentar novas páginas à história da igreja em causa e perceber algumas das vivências e atitudes da comunidade perante a morte e a sua relação com o monumento. A estratigrafia verificada em cada uma das sondagens efetuadas no adro da Igreja do Salvador de Aveleda revelou uma



FIGURA 2 Fase de escavação e estudo de um enterramento no adro da igreja de Aveleda.

realidade própria dos adros das igrejas onde a concretização de sepultamentos se verificou até tempos recentes. A redefinição do espaço destinado a sepulcro parece uma constante desde a Idade Média até aos inícios do século XX, sobretudo quando se tratavam de superfícies próximas ao templo. Não raras vezes se constatou a reutilização e adaptação de sepulcros medievais primários, solução encontrada uma vez esgotada a superfície para enterramentos em certas zonas do adro. Análoga circunstância sucedeu na Idade Moderna e Contemporânea com o aproveitamento de sepulturas antropomórficas. Tal reflete, de algum modo, a importância conferida a alguns quadrantes do adro, nomeadamente, e tendo em conta os resultados dos trabalhos arqueológicos, à zona sul do templo, onde foi constatada a presença de grande número de enterramentos orientados e organizados tendo como linha orientadora o alçado vertical respeitante à nave. De entre o espólio arqueológico, merece relevo o conjunto de numismas exumado, pese embora na maioria recolhido em contextos dissemelhantes das cronologias de cunhagem ou circulação. A cerâmica recolhida, ainda que muito fragmentada, é maioritariamente composta por pedaços de telha de meia-cana, reflexo da manutenção periódica da cobertura do templo ou de obras a que certamente foi sujeito ao longo de quase um milénio de existência. Foram igualmente recolhidos materiais ceramológicos de uso doméstico, que revelam amplas cronologias – desde a Baixa Idade Média até aos fins do século XIX –, e dispares proveniências, com destaque para algumas cerâmicas produzidas na zona do Prado, Vila Real (?) e Aveiro-Ovar.

<sup>3</sup>ROSAS, Lúcia M. C. – “Igreja do Salvador de Aveleda: 1. A Igreja na Época Medieval”, in L. M. C. Rosas, coord. 1998. *Rota do Românico do Vale do Sousa*. [Lousada]: Valsousa-Rota do Românico do Vale do Sousa, 2008, p. 109.

Pese embora a sintética caracterização apresentada das principais realidades arqueológicas identificadas no adro da Igreja do Salvador de Aveleda, que carecem obrigatoriamente de um mais aprofundado estudo, quer pelo estabelecimento de correspondência estratigráfica, quer pela análise das materialidades associadas, julgamos, todavia, que ilustra o potencial arqueológico do sítio, não somente para a compreensão das formas e ritos funerários aqui praticados entre os finais do século XII e a primeira década do século XX, como para aditar relevantes informações para a compreensão de certas alterações morfológicas do edificado, mormente ao nível da planta.

## 2. IGREJA DE MEINEDO: DOCUMENTOS, ARQUITECTURA E ARQUEOLOGIA

A área compreendida entre o castro de Meinedo (outeiro próximo do cemitério paroquial) e a Quinta de Padrões é rica em achados arqueológicos, o que permite depreender, face aos dados presentemente conhecidos, da existência de um assentamento romano e tardo-romano, dilatada ocupação temporal que podemos situar entre o século I d.C. e, adentro de uma certa continuidade, até à Alta Idade Média, período durante o qual Meinedo terá sido sede de bispado, antes deste se transferir para Portucale (Porto).

A primeira referência documental à freguesia de Meinedo encontra-se plasmada no *Parochiale Suevo* ou *Divisio Theodomiri*, sendo aí mencionado o topónimo «*Magneto*»<sup>4</sup>. Datado de entre 572 e 585 e atribuído ao rei Teodomiro, indicando o documento, concretamente no Concílio de Lugo de 569, o número de paróquias que deveriam fazer parte das dioceses bracarense e lucense. Tais disposições seriam confirmadas no II Sínodo de Braga, que teve lugar em 572. Um enorme hiato separa estas alusões escritas do século VI da que subsequentemente documenta a freguesia de Meinedo, em especial a sua igreja, então sob a evocação de Santo Tirso, bem como o antigo mosteiro da ordem beneditina a que esteve ligada. A prova textual relaciona-se concretamente com a doação, em 5 de outubro de 1131, do couto de Meinedo ao Bispado do Porto por D. Afonso Henriques. São particularmente interessantes as inquirições afonsinas para quem se abalança no estudo do território na Idade Média, porém, para Meinedo somente nos podemos servir das de 1258, dado que as de 1220 são completamente omissas sobre a freguesia, mas ainda que corroborem aquela questão da doação, as inquirições de Afonso III nada apontam quanto à construção da igreja. Na fachada, do lado esquerdo do portal, um silhar granítico contém gravada uma inscrição que alguns investigadores apontam como relacionada com a sagração da igreja em 1262 e na qual se lê: “*in era MCCC consecratur ista*

<sup>4</sup>FERNANDES, A. de Almeida - *Paróquias Suevas e Dioceses Visigóticas*. Arouca, 1997, p. 72.



FIGURA 3 Fachada da igreja de Meinedo.

*ecclesia*”<sup>5</sup>. Coube a Mário Barroca afirmar, opinião com a qual corroboramos, que o tipo de letra da epígrafe a coloca como executada pelo século XVI, “*adoptando algumas soluções características dessa centúria*”, e que o conteúdo, ainda que de difícil leitura, nada tem que ver com o até agora avançado<sup>6</sup>. Estamos, efetivamente, em face de um edifício globalmente datado de finais do século XIII ou princípio do século XIV que revela planta longitudinal de nave única e capela-mor, estando-lhe adossadas a norte a capela de Santo Tirso, obra do século XVII-XVIII, reedificada em meados do século XIX. Da centúria de Setecentos será por certo a sacristia, bem como a torre sineira erguida na parede sul, no alinhamento com a frontaria.

<sup>5</sup>LOPES, Eduardo Teixeira - *Meinedo: subsídios para uma possível história desta freguesia*. Lousada: Câmara Municipal de Lousada, 2001, pp. 128-129.

<sup>6</sup>BARROCA, Mário Jorge - *Epigrafia medieval portuguesa (862-1422)*, volume II (2). Porto: Fundação Calouste Gulbenkian/ Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2000, p. 2178.

O portal principal é desprovido de colunas, assentando as arquivoltas em pilastras escalonadas embutidas. O arco é apontado, sem tímpano, destacando-se somente o conjunto de motivos esferoides que adornam cada uma das arquivoltas. A maioria dos cachorros são lisos, com exceção de alguns muito poucos decorados dispersos pelos alçados norte e sul da nave. Estes traços arquitetónicos anuem estarmos perante um edifício do românico tardio, mais propriamente de estilo tardo-românico ou gótico. O portal sul revela ausência decorativa total, havendo a salientar um pequeno tímpano assente sobre mísulas simples, também lisas. O portal oposto, ainda que entaipado, obedece a um outro plano arquitetónico, mais tardio. O interior da igreja foi alvo de um programa decorativo nos séculos XVII-XVIII. Datam deste período os retábulos colaterais e o retábulo-mor em talha dourada, os caixotões do tecto, bem como o revestimento azulejar em tons azuis e brancos. Este programa, no tocante à gramática dos azulejos, terá ditado a remoção de painéis hispano-árabes da frontaria de um altar ou mesmo das paredes da capela-mor da igreja de Santa Maria de Meinedo, pois alguns vestígios foram recolhidos durante as obras de restauro realizadas nos anos 90 do século XX e nos princípios do século XXI. Sob a direção de Miguel Areosa Rodrigues, em diferentes pontos do espaço interior da igreja, especialmente na área correspondente à capela-mor e à capela de Santo Tirso, foram desenvolvidos trabalhos de escavação arqueológica entre 1991 e 1993<sup>7</sup>, tendo sido colocados a descoberto vestígios coetâneos do templo medieval românico, mas também de um templo anterior, evidenciado pela remanescência de silhares graníticos que revelaram a planta de uma abside de planta circular e o arranque de uma parede da nave de um primitivo templo pré-românico datável do século VI-VII, corroborando os dados do *Parochiale*



FIGURA 4 Inscrição do séc. XVI na fachada da igreja de Meinedo.

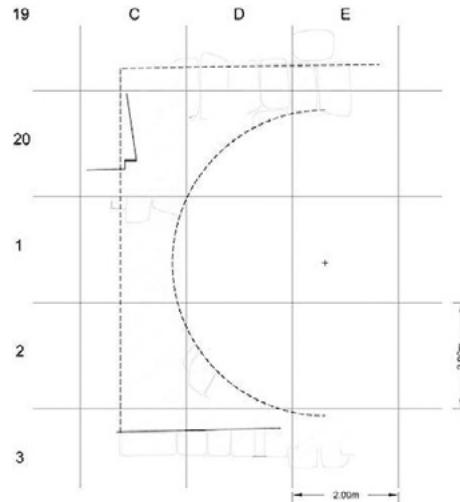


FIGURA 5 Planta reconstruída da ábside da basílica paleocristã de Meinedo (Rodrigues, 2012-2013, p.99).

Suevo que colocam aqui em 572 a sede do Bispado de Meinedo e a comprovada edificação de uma basílica paleocristã.

Da fase construtiva românica da igreja foram ainda colocados a descoberto vestígios de uma primitiva capela dedicada a Santo Tirso, que atesta a antiguidade do seu culto, e umas sepulturas abertas no saibro de formato ovalado e outras estruturadas com pedras<sup>8</sup>.

Em julho de 2006, numa zona fronteira à igreja paroquial de Meinedo, foi desenvolvida uma intervenção arqueológica de averiguação, solicitada pelo então IPPAR, com o objetivo de se pronunciar sobre a viabilidade de construção de um edifício naquele espaço que se encontrava na área de proteção legal da igreja românica<sup>9</sup>. Devido aos intensos revolvimentos verificados no terreno, as três valas abertas para a averiguação do potencial arqueológico colocaram a descoberto um conjunto de vestígios indiciadores de uma ocupação tardo-romana que se aproxima do ambiente construtivo do templo altomedieval. Foram exumados um total de 652 fragmentos, 3 líticos, 31 vidros, 4 metais, sendo os restantes 614 constituídos por cerâmicas, “de coloração verde musgo, os vidros são todos de época tardo-romana, com cronologias que se estendem entre o séc. IV e o VI e fazem parte de meia dúzia de pequenas taças ou copas muito vulgares em ocupações semelhantes daquela altura”<sup>10</sup>.

<sup>7</sup>RODRIGUES, Miguel Areosa - “Igreja de Santa Maria de Meinedo (Lousada): intervenção arqueológica (1991-1993)”, in *Oppidum*, ano 7, número 6. Lousada: Câmara Municipal, 2012-2013, pp. 89-104.

<sup>8</sup>*Ibidem*, *ibidem*, p. 92 e 99.

<sup>9</sup>ALMEIDA, Carlos A. Brochado de & ALMEIDA, Pedro Brochado de - “Sinais de Romanização junto à igreja românica de Meinedo”, in *Oppidum*, n.º 2. Lousada: Câmara Municipal, 2007, p. 79-80.

<sup>10</sup>*Ibidem*, *ibidem*, p. 85.